



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



RELATO DE EXPERIÊNCIA

JORNALISMO, EXTENSÃO E RESISTÊNCIA: CAMINHADA E CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA NO PIRAMBU COMO CONTRANARRATIVA SOCIOAMBIENTAL

Janayde de Castro Gonçalves¹
janaydeg@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho analisa o caminhar como atividade de extensão e método de pesquisa do Grupo de Pesquisa Giceu da Universidade Federal do Ceará no bairro Pirambu, Fortaleza. A partir da interseção entre o jornalismo de cidades e o jornalismo ambiental, discute-se a importância de percorrer territórios para a produção de conteúdo de qualidade. Fundamentado na visão sistêmica de André Trigueiro (2012) Wilson Bueno (2007) e de cidadania de Ilza Maria Girardi (2008), o estudo apresenta o passeio urbano como ferramenta de escuta e valorização de saberes locais. Conclui-se que a imersão no território, sob as lentes de Careri (2013), Kasper (2022) e Gorczewski (2023), permite construir contranarrativas de resistência e afirmação identitária frente aos desafios socioambientais urbanos.

PALAVRAS-CHAVE

Caminhar; Jornalismo Ambiental; Jornalismo de Cidades; Pirambu; Experiência Urbana

1. INTRODUÇÃO

Caminhar é uma maneira de compreender as cidades, pois nos permite experimentar diretamente sua diversidade, complexidade e vitalidade. O bairro Pirambu, localizado em Fortaleza, Ceará, tem uma história que reflete as transformações urbanas da cidade ao longo do tempo. O Pirambu foi gradualmente urbanizado e hoje é um bairro densamente povoado, marcado por desafios socioeconômicos e ambientais. Para vivenciar os saberes e imergir na observação de

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora Grupo de Pesquisa de Imagem, Consumo e Experiência Urbana em produtos e Processos de Comunicação (Giceu).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



elementos visuais como ocas, calçadas, flores, ervas, paisagens, monumentos, símbolos, cores e ainda experiências sonoras no Pirambu, o Grupo de Pesquisa de Imagem, Consumo e Experiências Urbanas (Giceu) da Universidade Federal do Ceará realizou uma caminhada pelo bairro com jornalistas, publicitários, pesquisadores da comunicação, estudantes e aposentados e funcionários públicos. Dessa vivência apreendeu-se uma série de elementos na partilha com os moradores, absorvendo significados que contribuíram para a compreensão e observação de uma narrativa da cidade sob um olhar avesso ao olhar dos cartões postais comerciais.

A relação entre o caminhar e o fazer jornalístico fundamenta-se na necessidade de uma apuração de proximidade, essencial para o jornalismo de cidades e o jornalismo ambiental. Ao percorrer o território, o jornalista em formação desenvolve a escuta ativa e a visão sistêmica propostas por Bueno (2007) e Trigueiro (2012), competências cruciais para a produção de reportagens que integrem infraestrutura, justiça social e ecologia política. Esta prática desafia a 'voracidade predatória' da cobertura factual rápida, propondo, em vez disso, a construção de contranarrativas que valorizam a memória e a resistência comunitária como pautas legítimas. Assim, a experiência no Pirambu não é apenas um passeio urbano, mas um exercício técnico e ético de reconhecimento da periferia como fonte de saber, essencial para uma cobertura jornalística plural e democrática.

Valorizar o espaço público urbano, inspirados no legado da jornalista, urbanista e ativista Jane Jacobs (2011) foi um dos vieses da experiência. O passeio acontece a cada dia 5 de maio com divulgação, inscrição, convocatória e mobilização prévia realizada pelos organizadores do Giceu na internet, nos jornais e rádios locais. A data em que o passeio foi realizado celebra simultaneamente em vários países o aniversário de Jane Jacobs, e promove caminhadas guiadas por líderes locais, proporcionando uma experiência única de aprendizado sobre comunicação e organização popular, história, arquitetura, cultura e desafios urbanos da cidade. Conhecida por sua defesa



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



da participação comunitária e da observação direta do ambiente urbano, Jane Jacobs (2011) influenciou o pensamento urbanístico. Sua ênfase na importância da observação direta e da diversidade urbana ressoa no passeio, que busca proporcionar uma compreensão mais profunda das cidades e dos saberes de suas comunidades.

1.1 O Pirambu, saberes e características tradicionais

Ao longo dos anos, o desenvolvimento urbano e a expansão da cidade levaram à urbanização do Grande Pirambu, com a construção de habitações informais e a migração de famílias em busca de moradia e trabalho. O Pirambu é uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) delimitada pelo Plano Diretor Participativo (a Lei nº 062 de 02 de fevereiro de 2009), sendo o Pirambu classificado como ZEIS 1, conforme a referida Lei. O bairro do Pirambu possui 97,49% de seu território classificado como favela, de acordo com o Instituto de Pesquisa e Planejamento de Fortaleza (Ippplan Fortaleza). A área da poligonal topográfica da ZEIS Pirambu está inserida em três bairros da cidade de Fortaleza, tais como: Barra do Ceará, Cristo Redentor e Pirambu.

Localizado no litoral oeste da cidade, bem próximo à praia e à ferrovia, o território foi ocupado por barracos insalubres, fome e um alto índice de violência. Desde cedo o estigma da miséria andou lado a lado com a luta da comunidade contra as injustiças sociais. Em 1962, no primeiro dia do ano, milhares de pessoas foram às ruas, em direção ao Centro da cidade reivindicar melhores condições de vida. Foi a primeira marcha do Pirambu. Uma luta organizada e pacífica que inspirou gerações inteiras. (BARREIRA, 2023.s.p)

Os guias voluntários relataram durante a caminhada que durante muitos anos o bairro enfrentou desafios como a falta de infraestrutura básica, incluindo acesso limitado à água potável, saneamento adequado e serviços públicos. É sabido que o modelo capitalista de desenvolvimento urbano proporciona uma conta que não fecha



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



quando se tratam de custos ambientais entre as camadas sociais, o que amplia a probabilidade de risco e danos às populações tradicionalmente marginalizadas. Justiça ambiental (ACSELRAD,2002; HARVEY,1996), racismo ambiental e ecologismo dos pobres (MARTINEZ ALIER,2007) são alguns operadores conceituais que versam sobre as desigualdades socioespaciais que podemos observar no Grande Pirambu. Além disso, a falta de drenagem, pavimentação adequada, proximidade com o Rio e o mar e a exposição a fortes chuvas tornaram os moradores do Pirambu mais vulneráveis às mudanças climáticas.

2. METODOLOGIA

A caminhada coletiva e guiada por moradores voluntários se revelou muito mais que um acontecimento, e sim como uma escolha metodológica, de observação e aprendizagem, reinventando nosso lugar de pesquisadores da comunicação, a partir do estar-junto coletivamente

A escolha da caminhada como percurso metodológico não se restringe ao evento em si, mas materializa a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Sob a ótica do ensino, a atividade funciona como um laboratório vivo de apuração, onde estudantes exercitam o 'estranhamento' necessário para identificar pautas que fujam dos estereótipos de violência. Como pesquisa, o método permite a coleta de dados sensoriais e narrativos que subsidiam a análise das dinâmicas urbanas. Já na dimensão da extensão, a caminhada estabelece um diálogo horizontal com a comunidade do Pirambu, transformando moradores em fontes qualificadas e protagonistas da construção do conhecimento. Essa sistematização permite que a experiência seja replicada em diferentes contextos curriculares, atendendo às diretrizes de extensão ao promover uma interação dialógica que impacta diretamente a formação humanística do futuro jornalista.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Deisimer Gorczewski (2023) pesquisadora e professora que tem feito diversas incursões pela periferia de Fortaleza revela a metodologia do caminhar como ferramenta de pesquisa urbana e destaca uma característica dessa abordagem: o caminhar é de fato uma espécie de concessão, uma licença para observar o ambiente urbano com novos olhos, um processo que Jane Jacobs (2011) chamaria de "estranhamento". Ao se deslocar a pé, os pesquisadores podem notar detalhes que passariam despercebidos em um veículo ou através de mapas e dados estatísticos. Este estranhamento é crucial para identificar dinâmicas ocultas, padrões de uso do espaço, interações sociais e aspectos culturais específicos de cada bairro ou área urbana.

Compreende-se que pesquisar e intervir se dão com a experimentação que se faz com as multiplicidades que constituem os espaços e tempos urbanos. O caminhar e o parar operaram um processo de estranhar as relações cotidianas, de desnaturalizar a lógica de organização dos espaços, de pensar desvios e modos de desfazer caminhos institucionalizados, de inventar descaminhos, de suspeitar do que vemos e ouvimos. (GORCZEWSKI,et.al 2023, p.18)

Durante o planejamento e elaboração do que seria o mapa do passeio, levamos em consideração a valorização da arte e a cultura locais, sempre escolhendo um ponto onde fosse possível observar uma escultura, um monumento, a arquitetura, os muros e muralismos, por acreditarmos que essas são ferramentas relevantes de comunicação urbana para recontar histórias e promover a identidade local.

Os participantes tiveram a oportunidade de partilhar um megafone para dar som e sonoridade, fala e música às suas histórias, de interagir com os residentes, ouvir suas experiências e compreender melhor as dinâmicas sociais dessas áreas. E assim encontrar uma vivência de partilha e mundo comum, de alteridade, de empatia e respeito, e reconhecer que a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro, indo de encontro ao isolamento, a lógica dos loteamentos



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



fechados que exaltam o privado em detrimento do público, como observa por Pedro Gomes (2018) quando elucida o que acontece quando vivemos nas grandes cidades aos nos fecharmos em nossas casas, separados por muros e portarias.

A impermeabilização ao outro faz com que a consciência de um destino comum seja substituída pela preocupação hedonista com o bem-estar e com o projeto de realização individual. O outro deixa de ser um parceiro de viagem, um companheiro na construção social, para se tornar adversário e concorrente no usufruto das riquezas do mundo. A voracidade predatória toma o lugar da partilha fraterna. (GOMES, 2018. p.197)

A diversidade metodológica manifestada e acessada pelo caminhar incorporou elementos ritualísticos importantes que foram vivenciados no percurso: desde o círculo de mãos dadas numa oca, à cerimônia de esquentar os pés antes de iniciar a caminhada em si, além da escuta ativa e de outras às práticas sensoriais, presentes na primeira parada do roteiro.

Como numa caminhada, uma escrita com a cidade contém pausas, alterações de ritmo, tropeços, encruzilhadas, variações de trajeto. Caminhar, deriva que convoca um corpo disponível, uma atenção flutuante, abertas aos efeitos das afecções que nos atravessam ao sermos contagiadas pela cidade. Efeitos que produzem variações, aumentando nossa potência de agir" (KASPER, et.al.2022, p.486)

Conhecer territórios e mudar o discurso de violência em bairros periféricos exige uma abordagem multidimensional que envolve observação direta e subjetividades, engajamento comunitário, valorização dos saberes locais e vivências como a caminhada. Substituir o discurso de violência pela escuta e narrativa de quem vive na periferia requer a oportunidade de publicizar as histórias de resistência, solidariedade e inovação que emergem das comunidades.

3. O CAMINHAR E A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISTA



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A proposta de atividade de extensão, pesquisa e ensino que parte do Grupo de Pesquisa de Imagem, Consumo e Experiências Urbanas (Giceu) visa igualmente desconstruir estereótipos e preconceitos sobre as periferias. Isso tem incluído além das caminhadas, publicações, pesquisas, aplicativos e debates que envolvam tanto as comunidades locais quanto os estudantes de Jornalismo, pesquisadores e o público externo, lastreados na compreensão de que a educação é uma ferramenta para desconstruir estereótipos promover novas imagens e realidades, além de promover o respeito à diversidade e a compreensão mútua.

Ouvir histórias diretamente daqueles que as vivenciaram é fundamental para a construção de um pensamento decolonial, pois permite a valorização e a inclusão de perspectivas marginalizadas, desafiando as narrativas dominantes e promovendo uma compreensão mais completa e justa da realidade. (SANTOS, 2018, p. 123).

Iniciativas que envolvem moradores em sua concepção e participação demonstram ainda uma preocupação com a necessidade de controle da narrativa sobre eles próprios, ou seja, uma contranarrativa do que tradicionalmente a imprensa, os poderes, e a própria academia estigmatizou a respeito dos assentamentos precários, bairros pobres e a periferia como lugares de ilegalidade, espaços de violência. (BARREIRA, 2021).

Por os pés nas ruas, e em especial nas periferias permite ao jornalista transcender a apuração burocrática, transformando o deslocamento em um ato de observação ativa e sensível das dinâmicas sociais. Essa prática estreita o vínculo com o território, revelando as invisibilidades e as tensões do cotidiano que definem o interesse público. Ao vivenciar a cidade no nível do pedestre, o profissional exerce sua função social ao dar voz às realidades humanas que escapam às narrativas oficiais.

Quando se propõe percorrer um território a pé, acontece por consequência, o reconhecimento de iniciativas locais de desenvolvimento social, econômico e cultural.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Em todos os bairros por onde o evento já passou em Fortaleza, em edições diversas tais como Centro Histórico, Cais do Porto, Titanzinho e Serviluz, oportuniza aos participantes o conhecimento e reconhecimento de projetos e iniciativas locais. A visibilidade dessas iniciativas busca desconstruir a narrativa predominante e estigmatizadas de contextos de violência ou precariedade.

O método de caminhada de certo modo, desloca o foco de poder acadêmico, algumas vezes elitista e institucional para as margens, onde vivem muitas das populações subalternizadas. Ao fazer isso, valoriza os conhecimentos locais e práticas culturais que são frequentemente ignoradas ou subestimadas pela academia tradicional, que não sejam os espaços de extensão do tripé acadêmico. A caminhada na perspectiva da pesquisa, do ensino, e da extensão enfatiza a importância dos sentidos e do corpo como fontes de conhecimento.

Historicamente, as narrativas coloniais têm silenciado ou desvalorizado os saberes e experiências das populações indígenas, afrodescendentes e outras comunidades marginalizadas. Ao ouvir diretamente essas histórias, é possível recuperar e valorizar esses conhecimentos, que oferecem visões de mundo alternativas e essenciais para a diversidade epistemológica.

As histórias contadas por quem viveu experiências de opressão ou marginalização desafiam as narrativas oficiais que frequentemente minimizam ou distorcem essas realidades. Ao trazer essas vozes para o centro do debate, é possível questionar e reformular as versões históricas e sociais que foram impostas pelo colonialismo. (SARDINHA, 2022.)

Os participantes, em especial os estudantes de Jornalismo, são convidados a realizarem uma cobertura jornalística e fotográfica do passeio, e essas fotografias se pulverizam nas redes sociais digitais. A repercussão da iniciativa, ainda que pontual, por vezes pode ajudar a mudar a percepção pública e a valorizar as conquistas e potencialidades locais.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



E além da cobertura factual do evento, existe ainda uma perspectiva mais duradoura da experiência, por envolver estudantes e pesquisadores de Comunicação Social, acredita-se contribuir para promover uma cobertura mais equilibrada e positiva dos bairros periféricos.

Além das experiências urbanas, o Giceu tem criado plataformas onde moradores e artistas locais possam contar suas próprias histórias. Em todas as edições o passeio convida os participantes a ouvirem uma música a respeito do lugar, através do aplicativo Fortaleza em Música. Ouvir histórias diretamente das pessoas afetadas com as mudanças climáticas amplia a compreensão da complexidade social e cultural. As experiências vividas fornecem compreensões que não podem ser captadas por teorias abstratas ou dados quantitativos isolados. Um mote para o pensamento crítico e a produção acadêmica, tornando-os mais inclusivos e representativos da realidade.

Quando as pessoas têm a oportunidade de contar suas próprias histórias, elas se tornam agentes ativos na construção de conhecimento, em vez de meros objetos de estudo. Isso promove o empoderamento e a autonomia das comunidades, permitindo que elas articulem suas demandas e soluções a partir de suas próprias perspectivas e contextos. É inegável que a caminhada tem sido utilizada ao longo dos séculos como uma forma de identificar e caracterizar os espaços urbanos, além de transmitir valores culturais e históricos buscando analisar e compreender as experiências e os modos de consumo nos espaços urbanos, anualmente.

Em resumo, o passeio Pirambu Fortaleza que uniu se a iniciativa internacional Jane's Walk em Fortaleza e a abordagem proposta pelo Giceu destacam a importância do caminhar, da diversidade urbana e da participação comunitária na construção de cidades mais justas, vibrantes e sustentáveis. Essa iniciativa reafirma a cidade como um elemento de comunicação e promove uma maior compreensão e apreciação do ambiente urbano, ressaltando uma abordagem metodológica que propicia entre outros rompimentos:



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



a) *Experiência sensorial diversa*: Ao caminhar, experimentamos a cidade com todos os nossos sentidos e nos conecta mais profundamente com o ambiente urbano.

b) *Interação social e participação popular*: Caminhar pelas ruas da cidade nos coloca em contato direto com outras pessoas que nasceram ali, assistiram as mudanças de paisagem, vivem e trabalham ali, o que nos ajuda a entender as diferentes perspectivas e experiências que coexistem na cidade.

c) *Exploração do espaço público*: O espaço público é onde as interações sociais e culturais acontecem. Ao caminhar, podemos explorar praças, parques, ruas e calçadas, e entender como esses espaços são utilizados e apropriados pelas comunidades locais.

d) *Percepção da escala urbana*: Caminhar nos permite sentir a escala da cidade de uma maneira que não é possível de carro ou transporte público ou mesmo observando mapas de papel.

e) *Descoberta de detalhes ocultos*: Muitas vezes, há detalhes interessantes e significativos na cidade que só podem ser descobertos ao caminhar. Isso inclui obras de arte pública, pontos comerciais, sonoridades, marcos históricos e outras características que podem passar despercebidas em outras formas de passagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos neste artigo uma proposta em que o caminhar é compreendido como uma atividade de extensão e uma experiência que permite uma interação autêntica com os contextos visitados, desafiando narrativas e estereótipos ao valorizar os conhecimentos locais.

No contexto do Grande Pirambu, essa prática revela a interdependência vital entre o jornalismo de cidades e o jornalismo ambiental, em que a compreensão do território exige uma visão sistêmica que une infraestrutura urbana, justiça social e



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



equilíbrio ecológico. O ato de percorrer o bairro deixa de ser apenas um deslocamento físico para se tornar um exercício de cidadania para os estudantes de Jornalismo, uma atividade cultural para o público em geral e uma ferramenta de apuração profunda, essencial para a produção de um conteúdo jornalístico de qualidade que escape da superficialidade. O evento realizado no Pirambu consolidou-se como um espaço de engajamento, transformando a observação em um ato político de escuta ativa.

Ao vivenciar o cotidiano das ruas, o jornalismo cumpre sua função social de dar voz aos moradores, tratando-os como fontes qualificadas de discurso e detentores de um saber técnico sobre sua própria realidade. Essa imersão permite a construção de contranarrativas potentes, capazes de confrontar estigmas de violência e as paisagens higienizadas dos cartões-postais tradicionais. Fortalecer os laços comunitários e promover o pertencimento através dessa experiência é, portanto, um compromisso ético de transformar a percepção pública e a realidade desses territórios, reconhecendo a periferia como um centro produtor de conhecimento e resistência.

Mudar o discurso de violência em bairros periféricos é um processo complexo que exige compromisso, sensibilidade e ações concretas. Conhecer os territórios de maneira respeitosa, valorizar as narrativas locais apresentou-se como uma oportunidade de transformar a percepção e a realidade desses bairros.

Para além da aplicação na pesquisa, ensino e extensão, a metodologia do caminhar pode ser uma ferramenta para a construção de um pensamento crítico sobre as intervenções urbanas. Além disso, acreditamos que caminhar e promover caminhadas guiadas pode inspirar uma nova forma de engajamento, incentivando os moradores a se envolverem ativamente na construção e na transformação de seus ambientes urbanos, e alcançarmos uma problematização em escala intraurbana de realidades sociais.

REFERÊNCIAS



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



BARREIRA, Irllys; GONÇALVES, Danyelle e DANTAS, Eustógio. **Aprendizados e desafios da participação: a experiência do Plano Integrado de Regularização Fundiária.** Fortaleza. Expressão Gráfica e Editora, 2021.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa.** São Paulo: Mojoara, 2007.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** São Paulo: G. Gili, 2013.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (Orgs). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexão.** Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios às mediações: Jesús Martín-Barbero na teoria da comunicação da Unisinos.** MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 12, n. 1, p. 189–202, 2018. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v12i1p189-202. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/137435>. Acesso em: 13 maio. 2024.

GORCZEWSKI, D.; SANTOS, L. R. M.; ALBUQUERQUE, A. M. de; FILHO, F. F. M. **Caminhar com as cidades: estranhar, conversar e conviver.** Revista Digital do LAV, [S. l.], v. 16, n. 1, p. e16/1–21, 2023. DOI: 10.5902/1983734884075. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/84075>. Acesso em: 22 jul. 2024.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KASPER, Kátia; TÓFFOLI, Gabriela; SEJANES, Thalita. (2022). **Cartografias afetivas: trajetos incertos, inventando cidade.** RUA. 28. 475-489. 10.20396/rua.v28i2.8671548.

MARTÍNEZ ALIER, Joan. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração.** Tradução de Maurício Waldman. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologies of the South: Justice Against Epistemicide.** New York: Routledge, 2018.

SARDINHA; Antonio Carlos et al (org.). **Decolonialidade, comunicação e cultura.** Macapá: UNIFAP, 2022.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável 2: novos rumos para um planeta em crise.** São Paulo: Globo, 2012.